



MATULA NO SERTÃO: A TRAJETÓRIA DO CORONEL PERCY HARRISON FAWCETT NO BRASIL (1906-1951)

Deborah Lavorato Leme

História Social FFLCH-USP

deborah.lavorato@gmail.com

Em um de seus últimos registros documentais¹, o coronel² inglês Percy Harrison Fawcett (1867-19??) escreveu que “A resposta para o enigma da América do Sul Antiga – e talvez do mundo pré-histórico – poderá ser encontrada quando aquelas antigas cidades forem localizadas e abertas à pesquisa científica. Estou certo de que essas cidades existem...” (FAWCETT, 1953, p. 304, tradução nossa). Esse excerto faz parte de uma carta endereçada à sua esposa, Nina Fawcett, datada de 29 de maio de 1925. Após esse dia sua família nunca mais obteve qualquer prova material que determinasse o paradeiro do explorador e de seus companheiros de expedição ou mesmo que indicasse se eles estavam vivos. A carta foi escrita durante a sétima e última expedição realizada pelo coronel Fawcett na América do Sul, a partir da latitude 110° 43’ sul e longitude 540° 35’ oeste, coordenadas que correspondem a um ponto no mapa do Brasil atualmente dentro dos limites da cidade de União do Sul, município a cerca de 650 km de Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso, de onde o coronel havia partido no dia 02 de abril de 1925 na companhia de dois jovens: seu filho mais velho, Jack Fawcett (1903-19??), e um amigo da família, Raleigh Rimmel (1902-19??).

No interior do Mato Grosso o trio estava à procura de resquícios de uma cidade perdida originária de Atlântida, uma ilha descrita pela primeira vez na literatura ocidental por volta do ano 355 a.C. pelo filósofo Platão em seu diálogo *Timeu-Crítias*. É a essa

¹ De acordo com um artigo publicado no *Geographical Journal* em 1928, “*The last authentic news of Col. Fawcett is dated 30 May 1925*” e consistem em um despacho enviado para a *North American Newspaper Alliance* (NANA), um conglomerado de jornais estadunidenses que em 1924 aceitara patrocinar a empreitada de Fawcett exigindo, em contrapartida, que ele lhes enviasse em primeira mão todo e qualquer avanço ou descoberta realizados pela expedição. COLONEL FAWCETT’S Expedition in Matto Grosso. **Geographical Journal**, v. 71, n. 2, pp. 176-185, feb. 1928.

² Percy Harrison Fawcett se aposentou do exército britânico como *lieutenant colonel* (tenente-coronel), mas ficou conhecido popularmente apenas como coronel.



cidade perdida – cujos habitantes seriam descendentes diretos dos atlantes – que Fawcett se refere no excerto acima e cuja descoberta ele considerava “a resposta para o enigma da América do Sul Antiga”. Ele chamou essa cidade de “Z”. Contextualizar os acontecimentos de 1925 é imprescindível para compreendermos como foi possível que um sujeito como Fawcett concebesse certas ideias em torno do passado brasileiro, reconstituindo-o como uma espécie de “Atlântida colonial” e, portanto, se faz necessária uma análise historiográfica calcada no estudo de fontes documentais e bibliográficas diversas. Um breve esboço biográfico nos ajudará a entender um pouco melhor quem foi o coronel Fawcett nessa conjuntura.

Percy Harrison Fawcett nasceu em 31 de agosto de 1867 em Torquay, cidade litorânea no sul da Inglaterra. Era filho de Myra Elizabeth MacDougall e do capitão Edward Boyd Fawcett, oficial do exército britânico nascido na Índia. P. H. Fawcett seguiu os passos do pai e optou pela carreira militar, tornando-se oficial de artilharia aos 19 anos, quando foi enviado ao Ceilão³. Foi lá que ele conheceu e se casou com Nina Agnes Paterson⁴, filha de um magistrado local, com quem teve três filhos: Jack (1903-19??), Brian (1906-1984) e Joan (1910-2005). Ele veio para a América do Sul pela primeira vez em 1906, quando aceitou o convite da *Royal Geographical Society* (RGS) para se juntar à chamada Comissão Mixta [*sic*] de mapeamento da fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Entre 1906 e 1925 Fawcett realizou sete expedições à América do Sul, nas quais percorreu os territórios da Bolívia, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Peru e Brasil. Suas atividades exploratórias foram interrompidas durante a I Guerra Mundial (1914-1919), quando foi convocado para ir ao front, o que acabou resultando numa promoção de patente, de major para tenente-coronel⁵.

Além de militar bem-sucedido, Fawcett foi reconhecido ainda em vida como um ótimo topógrafo e um estudioso do ocultismo, o que acabou por contribuir para a construção de uma certa aura mística e supersticiosa em torno de sua figura. Seu círculo de amigos contava com algumas figuras proeminentes da cena literária britânica do final

³ Atual Sri Lanka.

⁴ Posteriormente Nina Fawcett.

⁵ Motivo pelo qual ele aparece descrito como major nos documentos relativos às expedições anteriores a 1914.



do século XIX e começo do XX como, por exemplo, os escritores Henry Rider Haggard (1856-1925) e Arthur Conan Doyle (1859-1930), conhecidos por serem os criadores dos icônicos personagens Allan Quatermain e Sherlock Holmes respectivamente, personagens que marcaram a cultura e o imaginário da Era Vitoriana.

Foi justamente durante o reinado da rainha Vitória (1837-1901) que surgiram os romances de aventura repletos de personagens viris que se lançavam pelos quatro cantos do “[...] vasto império no qual o sol nunca se põe e cujos limites a natureza ainda não determinou” (MACARTNEY, 1773, p. 55 *apud* KENNY, 2006, p. 72, tradução nossa), expressão que denota a extensão territorial do Império Britânico, o qual seria tão grande que sempre haveria um pedaço do globo terrestre sob o domínio inglês iluminado pela luz solar. Apesar de ter sido atribuída ao administrador real *Sir George Macartney* (1737-1806), segundo o filólogo alemão Georg Büchmann (1898, pp. 180-181), o uso dessa expressão para se referir a um império com uma grande extensão territorial remonta ao discurso de Xerxes I antes de invadir a Grécia, registrado por Heródoto em suas *Histórias* (440-430 a.C.).⁶ Em sua obra Büchmann explica como essa expressão foi apropriada ao longo do tempo até finalmente ser associada ao Império Britânico entre os séculos XVIII e XIX graças ao enorme sucesso da empreitada imperialista inglesa, que entre 1876 e 1915 “[...] aumentou seus territórios em cerca de 10 milhões de quilômetros quadrados” (HOBSBAWM, 1988, p. 84), chegando a dominar um quarto da superfície terrestre.

A literatura serviu como importante meio de propaganda – assim como de crítica – do imperialismo europeu. Os versos do poeta britânico Rudyard Kipling (1865-1936) sintetizam a autoimagem que muitos europeus tinham de seus esforços civilizatórios: colonizar era “o fardo do homem branco” (KIPLING, 1940, pp. 321-323). Por outro lado, o clássico *Coração das Trevas* (1902) do polonês naturalizado inglês Joseph Conrad (1857-1924) é um grande exemplo crítico do domínio europeu sobre a África.

⁶ A fala de Xerxes I dirigindo-se ao seu exército foi registrada por Heródoto da seguinte forma: “[...] we shall make the borders of Persian territory and of the firmament of heaven to be the same; for no land that the sun beholds will lie on our borders, but I will make all to be one country, when I have passed over the whole of Europe.” In: HERODOTUS. **Histories**. Translated by A. D. Godley. London: William Heinemann Ltd., 1921, v. 3, p. 311.



Aparentemente Fawcett pendia mais para o lado propagandista de Kipling do que para o lado crítico de Conrad, o que se confirma pelo fato de que Conan Doyle se inspirou em Fawcett para criar o controverso personagem *Lord John Roxton* e o cenário do altiplano que abriga espécimes pré-históricas presentes na obra *O mundo perdido* (1912), um romance de aventura no qual um grupo de exploradores europeus descobre um platô supostamente inexplorado, subjagam os selvagens que lá habitam e retornam para a Inglaterra como heróis. Assim como Fawcett, “Consta que lorde Roxton se encontrava, alguns anos atrás, naquela terra de ninguém que é formada pelas fronteiras mal definidas entre Brasil, Peru e Colômbia.” (DOYLE, 2018, p. 81) Além da experiência em expedições na floresta amazônica, Fawcett e Roxton guardam uma outra similaridade entre si: o interesse pelo paranormal e pelo espiritualismo⁷. No romance *A terra da bruma* (1926), continuação de *O mundo perdido*, John Roxton “[...] adere ao espiritualismo e investiga a existência de fantasmas.” (GRANN, 2009, p. 209) Ainda segundo Grann:

No passado, o interesse de Fawcett pelo oculto tinha sido uma expressão de sua rebeldia juvenil e sua curiosidade científica, que contribuíram para a sua tendência a contestar as ortodoxias predominantes em sua sociedade e a respeitar lendas e religiões tribais. Agora, porém, sua abordagem estava ligada ao rigoroso treinamento na RGS e ao seu acurado poder de observação. Ele absorveu os ensinamentos mais extravagantes de Madame Blavatsky sobre corpos astrais e hiperbóreos e Espíritos da Face e chaves para decifrar o universo [...]. Corriam boatos entre alguns oficiais de que Fawcett usava um Tabuleiro Ouija, instrumento popular entre os médiuns, para tomar decisões críticas no campo de batalha. (2009, p. 209)

O coronel de fato seguiu as instruções da RGS de recolher, sempre que possível, relatos dos nativos, e acabou combinando a habilidade da escuta com seu interesse pelo sobrenatural. Fawcett era próximo de médiuns e ocultistas, sendo bem conhecida sua

⁷ Utilizamos o conceito de espiritualismo no sentido amplo de crença, doutrina, religião ou sistema filosófico que consiste na afirmação da existência ou realidade substancial do espírito e de sua autonomia e diferença em relação à matéria. Essa definição de espiritualismo está diretamente ligada ao pensamento do polímata e espiritualista sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772), que criou a teoria da correspondência, segundo a qual existe uma conexão tangível entre o mundo material e o mundo espiritual. Encontramos nos escritos de Fawcett sinais de afinidade tanto com o espiritualismo quanto com o ocultismo e o misticismo, por isso esses três conceitos aparecem relacionados ao seu pensamento. Para mais detalhes sobre o espiritualismo de Swedenborg, ver: BLUM, Deborah. **Ghost hunters**. William James and the search for scientific proof of life after death. Penguin Books, 2006, pp. 19-21.



amizade com uma das criadoras da Teosofia, Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891). Percy a conheceu por intermédio de seu irmão mais velho, Edward Fawcett, que “[...] ajudou Blavatsky a pesquisar e escrever seu grande *opus*, *A doutrina secreta*.” (GRANN, 2009, p. 64) Dividida originalmente em dois volumes, *A Doutrina Secreta* (1888) apresenta os principais dogmas da Sociedade Teosófica, fundada em Nova York em 1875 por Helena Blavatsky, William Quan Judge (1851-1896) e Henry Steel Olcott (1832-1907). O primeiro volume de *A Doutrina Secreta* é dedicado à cosmogênese – a origem do universo –, enquanto o segundo é dedicado à antropogênese – a origem e evolução do ser humano. Para Blavatsky a origem da humanidade se deu a partir do que ela denomina como “sete raças-raízes”, e, portanto, ela acreditava na origem poligênica da espécie humana. Os atlantes seriam a quarta raça-raiz, a qual teria sido dizimada por um cataclismo, dando lugar à quinta raça-raiz, a dos arianos, que estaria atualmente em desenvolvimento (BLAVATSKY, 2012, pp. 109-118).

Em 1888, ano de publicação de *A Doutrina Secreta*, o arianismo, tal como ele se tornaria amplamente conhecido no século XX (associado à Alemanha nazista de Adolf Hitler⁸), ainda estava em processo de formação. A raça ariana a qual Blavatsky está se referindo em sua obra corresponde aos “[...] antigos indianos, habitantes de Aryavarta, a terra dos árias, os nobres.” (BLAVATSKY, 2012, p. 118) A estrutura do livro é dividida em “Estâncias” ou “Dzyans”, que seriam “[...] uma série de instruções dadas aos estudantes de esoterismo no Oriente.” (BLAVATSKY, 2012, p. 23) Segundo Blavatsky:

A matéria contida nesta obra pode-se encontrar esparsa nos milhares de volumes que encerram as Escrituras das grandes religiões asiáticas e das primitivas religiões europeias, ocultas sob glifos e símbolos e que, até agora, passaram despercebidas por causa desse véu. [...] Em verdade, se grande parte das obras sânscritas, chinesas e mongólicas citadas nestes volumes é conhecida de alguns orientistas, a obra principal, aquela da qual foram recolhidas as Estâncias, não figura nas bibliotecas europeias. O Livro de Dzyan (ou Dzan) é completamente ignorado pelos nossos filólogos ou, pelo menos, jamais ouviram falar dele com esse nome. (2012, pp. 29-30)

⁸ Para mais informações sobre a relação entre o nazismo e a teosofia de Madame Blavatsky, ver o tópico “O evolucionismo místico de H. P. Blavatsky e a origem do mal” in SILVA, Ricardo José Barbosa da. **História Invisível: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-socialismo**. 2009. 243 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, pp. 90-97.



Como podemos observar, alguns temas caros ao ocultismo e ao misticismo como a valorização da cultura oriental, estudos de filologia e a tentativa de determinar a origem da humanidade, estão presentes na obra de Madame Blavatsky e nas discussões teóricas do século XIX, tanto no seio das comissões geográficas como também nos institutos históricos e nas academias de ciências. Na busca pela origem da civilização europeia, filólogos, etnólogos, antropólogos e outros cientistas⁹ se debruçaram sobre o estudo das línguas como uma das opções disponíveis para mapear a cultura europeia desde os seus primórdios. Alguns desses homens de ciência, como Friedrich Schlegel (1772-1829), acabaram concluindo “[...] que o sânscrito e o persa, de um lado, e o grego e o alemão, de outro, tinham mais afinidades uns com os outros do que com línguas semíticas, chinesas, americanas ou africanas.” (SAID, 2003, pp. 147-148) Os filólogos denominaram essas afinidades linguísticas como “[...] tronco ariano, depois denominado indo-europeu.” (MACHADO, 2018, p. 135) Num primeiro momento o assim chamado *aryan myth* pode não ter sido associado à ideia de superioridade dos europeus, mas no decorrer do século XIX ele foi sendo apropriado até determinar

[...] uma hierarquia das línguas e das civilizações espalhadas ao redor do mundo, que foram organizadas numa escala evolutiva baseada em padrões linguísticos, na análise da cultura material e na presença/ausência de instituições sociais e políticas tidas como universais. (MACHADO, 2018, p. 136)

Outro indício da relação estabelecida entre o mundo da ciência e o mundo sobrenatural¹⁰ no século XIX foi a criação da *Society for Psychical Research* (SPR) em

⁹ Dentre os quais podemos citar o filósofo francês Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), que escreveu o famoso *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1855), no qual ele desenvolve a sua tese sobre “*the superiority of the white type, and, within this type, of the aryan family*”, além de postular que a miscigenação racial foi e ainda é o motivo da degeneração e queda de grandes civilizações. GOBINEAU, Arthur de. **The inequality of human races**. London: William Heinemann, 1915, pp. 205-112.

¹⁰ O estadunidense William James (1842-1910), considerado o “pai da psicologia”, acreditava, inclusive, que a aproximação entre a ciência e o sobrenatural representaria uma forma de popularizar a ciência, dado que, “*If scientists did not afford some respect to the beliefs of the lay public, James warned, was little reason for the public to respect the pronouncements of science.*” BLUM, Deborah. **Ghost hunters**. William James and the search for scientific proof of life after death. Penguin Books, 2006, pp. 32-33



1882. Inicialmente eram seis as suas áreas de estudo: telepatia, mesmerismo (magnetismo animal), mediunidade, fenômeno de Reichenbach (estudo de forças e energias vitais), aparições e casas assombradas, e *séances* (sessões espíritas/reuniões mediúnicas). Muitos membros da SPR eram cientistas renomados, dentre os quais podemos citar o médico fisiologista Charles Robert Richet (1850-1935) – laureado com Nobel de Medicina em 1913 –, o filósofo utilitarista e economista Henry Sidgwick (1838-1900), a física Eleanor Mildred Sidgwick (1845-1936), o químico *Sir* William Crookes (1832-1919) e o naturalista, explorador, geógrafo, antropólogo e biólogo Alfred Russel Wallace (1823-1913), que também era membro da *Royal Geographical Society*.

A ciência e o sobrenatural misturavam-se também no pensamento de Fawcett, que era capaz de conciliar em suas teorias elementos tanto do cientificismo – como a arqueologia e a geografia – quanto da teosofia – como a crença numa raça-raiz. Além de Fawcett, outros se inspiraram na obra de Madame Blavatsky, como o historiador, antropólogo e folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), que, num panfleto de 1933 intitulado *O Homem Americano e Seus Temas*, atribuiu a origem do homem americano aos habitantes da extinta Atlântida (MACHADO, 2018, p. 151). Como podemos observar, Fawcett não era um indivíduo excepcional – ou “fora de seu tempo” – desenvolvendo linhas de pensamento e de pesquisa isoladas do resto do mundo. Pelo contrário, ele estava inserido num contexto histórico que o estimulou a colocar em prática seus planos de partir em busca das ruínas de uma cidade perdida tributária do reino dos Atlantes. De acordo com a historiadora Maria Helena P. T. Machado:

[...] seguindo a sugestão proposta por Haeckel, entre outros, e abraçada por intelectuais americanos, e cujo escopo foi extensamente desenvolvido por Mme. Helena P. Blavatsky (1831-1891), em *Ísis sem Véu* (1872) e *A Doutrina Secreta* (1888), Câmara Cascudo postula a existência dos continentes da Lemúria e da Atlântida, como berço da origem da vida e da civilização humanas. (2018, p. 152)

Percy Fawcett acreditava que quando finalmente encontrasse Z ele iria se deparar com “índios brancos”, loiros, de olhos claros e compleição atlética, descendentes dos atlantes. Como observado por Grann:



[...] em 1924 Fawcett preencheu suas anotações com sonhos e escritos delirantes sobre o fim do mundo e sobre um mítico reino atlante, que lembrava o Jardim do Éden. Z foi transformada no “berço de todas as civilizações” e no centro de um dos “Alojamentos Brancos” de Blavatsky, onde um grupo de seres altamente espirituais ajudava a direcionar o destino do universo. Fawcett esperava descobrir um Alojamento Branco que existia desde “o tempo da Atlântida” e chegar à transcendência. (2009, p. 319)

Além de Blavatsky, o coronel Fawcett mobiliza em sua obra outros autores no sentido de justificar suas teorias sobre a origem da humanidade. No caldeirão de ideias de P. H. Fawcett aparecem o botânico e explorador *Sir Joseph Dalton Hooker* (1817-1911), o naturalista dinamarquês *Peter Wilhelm Lund* (1801-1880), o historiador inglês *Henry Thomas Buckle* (1821-1862) e o historiador estadunidense *William Hickling Prescott* (1796-1859), por exemplo. Buckle, em sua obra mais famosa – *History of Civilization in England* (1857) – dedica dez páginas ao Brasil, concluindo que “[...] a natureza local ‘tão abundante’ deixava pouco espaço ao homem e suas obras.” (SCHWARCZ, 1993, p. 48) Fawcett compartilhava das ideias de Buckle (FAWCETT, 1953, p. 244) sobre a preponderância do determinismo climático na degeneração da raça, pois, para ele, essas ideias estavam em consonância com a sua tese de que existia uma cidade perdida atlante no interior do Brasil. De acordo com o determinismo climático, qualquer civilização que florescesse dentro dos limites do continente sul-americano estava fadada a se degenerar e, no caso brasileiro, a degeneração a partir do clima era agravada ainda mais pela miscigenação. Portanto, a desvalorização de qualquer elemento não-branco e da miscigenação na composição populacional conjugada com as teorias e crenças de Fawcett culminaram na sua busca por remanescentes de uma civilização branca extinta, outrora altamente desenvolvida, localizada no interior do Brasil e oriunda da Atlântida.

P. H. Fawcett mobiliza figuras importantes tanto das ciências naturais quanto das ciências sociais e humanas. Os argumentos das ciências naturais são utilizados para demonstrar como o território brasileiro era propício para ser o refúgio – e não o berço – de uma raça avançada, uma vez que, em consonância com as ideias de Buckle, a natureza no Brasil não permitiria que se desenvolvesse aqui uma raça avançada e, por conta disso,



essa raça seria originária de outra localidade – Atlântida – e teria apenas buscado abrigo em terras brasileiras, propícias para os atlantes se refugiarem após serem vitimados por um grande cataclisma.

Por sua vez, os postulados das ciências sociais e humanas são mobilizados no sentido de se montar um panorama sociocultural das populações que ocuparam esse território ao longo dos séculos na chave do evolucionismo cultural, do darwinismo social e da teoria da degeneração das raças. Faz-se necessário nesse ponto diferenciar o darwinismo social do evolucionismo cultural, que, a priori, podem ser confundidos entre si. Lilia Schwarcz apontou essas diferenças em *O espetáculo das raças* ao discorrer sobre a apropriação das teorias raciais em voga na Europa entre o final do século XIX e o começo do XX, afirmando que os homens de ciência do Brasil não realizaram uma cópia ou mera reprodução dessas teorias e que “Aqui se fez um uso inusitado da teoria original, na medida em que a interpretação darwinista social se combinou com a perspectiva evolucionista e monogenista.” (SCHWARCZ, 1993, p. 85) Mas essa combinação de aspectos díspares entre teorias que num primeiro momento nos parecem antagônicas não é exclusividade do terreno intelectual brasileiro. Esse amálgama de conceitos e de correntes de pensamento está presente nas teorias de Ernst Haeckel (1834-1919), Louis Agassiz (1807-1873), Alfred Russel Wallace e, claro, P. H. Fawcett.

O polímata alemão Haeckel, por exemplo, defendia uma corrente evolucionista do poligenismo, duas concepções antagônicas, uma vez que, enquanto o poligenismo preconiza origens distintas para a raça humana, o evolucionismo parte da premissa da origem a partir de um único ancestral comum. O zoólogo e naturalista suíço radicado nos EUA Agassiz, por sua vez, era um criacionista poligenista, e, mais uma vez, a maioria das doutrinas criacionistas baseiam-se na origem comum em Adão e Eva, mas, alguns poligenistas optaram por seguir uma corrente chamada “pré-adamita” (crença na existência de grupos humanos anteriores a Adão e Eva) numa tentativa de fazer convergir poligenismo e criacionismo. Assim como Haeckel, o naturalista, geógrafo e antropólogo britânico Alfred Russel Wallace era adepto do evolucionismo poligenista, tendo



publicado conjuntamente com Charles Darwin¹¹ o artigo sobre a teoria da seleção natural das espécies.

Na obra *A Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural, ou Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Vida*, o biólogo e naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) estabelece, resumidamente, que todas as espécies vivas descendem de um ancestral comum, que a árvore da evolução pressupõe o processo de seleção natural, segundo o qual o ser vivo mais adaptado ao seu ambiente sobrevive e transmite os seus genes às gerações futuras. De forma geral, o darwinismo social se encarregou de transpor as ideias de Darwin para as ciências sociais ao entender as sociedades como um corpo que, tal como um corpo biológico, é passível de evoluir de uma configuração mais simples – tida como “primitiva” – para uma condição mais complexa – considerada “civilizada”. Portanto, para os adeptos dessa corrente, é como se todas as sociedades estivessem seguindo o mesmo caminho evolutivo ascendente em direção ao nível cultural da Europa do século XIX, a sociedade considerada mais evoluída e que ocupava a posição mais alta na escala evolutiva linear. Foi o biólogo e antropólogo inglês Herbert Spencer (1820-1903) quem cunhou a expressão “sobrevivência do mais apto”¹² e foi o responsável por transplantar ideias e conceitos das ciências naturais para as ciências sociais e, por conta disso, é considerado o “pai do darwinismo social”.

O evolucionismo cultural, por sua vez, foi a corrente hegemônica da antropologia no final do século XIX. Sob a influência de Darwin e Spencer,

O evolucionismo na antropologia deu uma resposta clara à antiga questão de como se poderia compreender a enorme diversidade cultural humana: as diferenças culturais passavam a ser reduzidas a estágios históricos de um mesmo caminho evolutivo. Dois postulados básicos

¹¹ Wallace e Darwin chegaram às mesmas conclusões mais ou menos na mesma época e, para evitar um mal-estar ético em termos de originalidade, ambos decidem apresentar em coautoria um artigo à Sociedade Lineana de Londres. Na apresentação do artigo, escrita por Joseph Dalton Hooker e Charles Lyell, consta a informação de que “[...] os cavaleiros Charles Darwin e Alfred Wallace tinham concebido de forma independente a mesma engenhosa teoria”. In: CARTUM, Leda; NESTROVSKI, Sofia. **As vinte mil léguas de Charles Darwin: o caminho até “A origem das espécies”**. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 202.

¹² Darwin utilizou a expressão “mais adaptado”, ao invés de “mais apto”, e há ainda, segundo Stephen Jay Gould, uma outra questão conceitual: Darwin não fala em “evoluir”, mas sim em “evoluir”. É muito interessante o debate etimológico – e seu impacto nas correntes de pensamento da época – em torno do conceito de “evolução”. Para maiores informações veja GOULD, Stephen Jay. O dilema de Darwin: a odisseia da evolução. In: **Darwin e os Grandes Enigmas da Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 25-29.



eram: o da unidade psíquica de toda a espécie humana, responsável pela uniformidade de seu pensamento; e o de que, em todas as partes do mundo, a sociedade humana teria se desenvolvido em estágios sucessivos e obrigatórios, numa trajetória basicamente unilinear e ascendente. (CASTRO, 2016, p. 8)

Destacamos aqui o trabalho de três grandes expoentes do evolucionismo cultural: Edward Burnett Tylor (1832-1917), Lewis Henry Morgan (1818-1881) e James George Frazer (1854-1941). Tendo em mente as noções de uma escala evolutiva linear e da existência de uma unidade psíquica, E.B.Tylor propõe “[...] tratar a humanidade como homogênea em natureza, embora situada em diferentes graus de civilização.” (CASTRO, 2016, p. 76) De forma geral, Tylor divide as sociedades humanas em animistas, politeístas e monoteístas, enquanto Morgan classifica os níveis de desenvolvimento cultural humano em selvageria, barbarismo e civilização, e, por fim, Frazer ordena os diferentes estágios em três níveis: magia, religião e ciência.

É importante ter em mente que esses três autores – Tylor, Morgan e Frazer – dialogam entre si e inspiram uns aos outros, por isso as ideias defendidas por eles são muito parecidas. É nesse sentido que em 1877, na obra *A Sociedade Antiga*, Morgan afirma que:

As mais recentes investigações a respeito das condições primitivas da raça humana estão tendendo à conclusão de que a humanidade começou sua carreira na base da escala e seguiu um caminho ascendente, desde a selvageria até a civilização, através de lentas acumulações de conhecimento experimental. (CASTRO, 2016, p. 49)

Em consonância com as ideias de Tylor e Morgan, Frazer escreve em 1908 na obra *O Escopo da Antropologia Social* que “[...] a civilização, sempre e em toda parte, tem evoluído a partir da selvageria” e que um selvagem “[...] está para um homem civilizado assim como uma criança está para um adulto.” (CASTRO, 2016, p. 107) Como podemos observar, esses três autores compartilham das mesmas ideias e pressupostos teóricos embasados no evolucionismo cultural, que se resumem aos seguintes aspectos: estágios sucessivos e obrigatórios de trajetória unilinear e ascendente; processo evolutivo partindo do mais simples para o mais complexo; origem única e desenvolvimento



desigual da humanidade e um ritmo de evolução influenciado por condições externas, como isolamento geográfico ou influências ambientais (determinismo ambiental).

De qualquer forma, o que monogenismo, poligenismo, evolucionismo cultural e darwinismo social têm em comum é o racismo científico, uma vez que todas essas tentativas de determinar qual é a origem do ser humano foram usadas, em alguma medida, para sustentar que alguns grupos humanos são melhores do que outros, seja nos seus aspectos físico, mental ou cultural, sobressaindo sempre o grupo ocidental/europeu/branco, o que supostamente justificaria o domínio colonial da Europa sobre os demais povos de todos os outros continentes. A onda do racismo científico vem acompanhada das teorias da degeneração pois, uma vez que existe uma raça superior às demais, é desejável que a raça considerada superior não se misture com as demais raças consideradas inferiores em termos socioculturais e de pureza racial. Para os seguidores das teorias da degeneração,

[...] a miscigenação entre as diferentes raças humanas ou o hibridismo levava à degenerescência. A base dessa crença era que as 'raças cruzadas', ao invés de carregarem as melhores características de seu ancestrais, levavam a que traços atávicos viessem à superfície, expondo os descendentes de uniões mistas a todos os riscos de uma progressiva degenerescência. (MACHADO, 2007, p. 73)

Analisando a linha de pensamento presente nos escritos de P. H. Fawcett, verificamos que ele combina poligenismo (baseando-se nas raças-raízes de Helena Blavatsky) com a teoria da degeneração, também presente na obra de Blavatsky, conforme observado no trecho a seguir:

Houve uma evolução espiritual, uma evolução psíquica, uma evolução intelectual e uma evolução animal, do mais elevado ao mais baixo, assim como um desenvolvimento físico – do simples e homogêneo ao mais complexo e heterogêneo; sem que isso, porém, tenha ocorrido segundo as linhas traçadas pelos evolucionistas modernos. Essa dupla evolução, em dois sentidos contrários, exigiu várias eras, de natureza e graus diversos de espiritualidade e intelectualidade, para construir o ser agora conhecido como homem. (2012, p. 89)



A teoria de Blavatsky pressupõe um duplo movimento na escala evolutiva: tanto de ascensão quanto de regressão, o que permite que uma raça evolua e/ou se degenera, portanto é preferível que os elementos de uma mesma raça se reproduzam entre si para evitar a degenerescência, conforme explicitado por Fawcett em suas observações sobre a população brasileira:

O negro não é considerado como um igual pelos brancos, e, embora haja liberdade e certa medida de camaradagem entre todas as classes, nota-se debaixo da superfície tanta distinção de classe quanto em qualquer outra parte do mundo. [...] Tal fato [miscigenação entre negros e brancos] e as preferências de seleção das classes abastadas estão eliminando gradualmente o negro [...]. Contínuas levas de europeus chegam ao país, se casam e produzem – nas altas classes, sem dúvida – belas crianças. Eventualmente haverá uma raça robusta e vigorosa, livre das fraquezas inerentes aos povos nativos. O Brasil sofreu muito no século XVII com as comunidades independentes e sem lei que haviam sido formadas por negros que tinham escapado do cativeiro, aos quais se tinham unido as mulheres de sua própria raça e as que eles haviam arrebatado das tribos indígenas. Essas comunidades costumavam destruir povoados e estâncias e eram culpadas de horríveis atrocidades, pois, sob a influência do álcool, conhecido por pinga, o negro, e especialmente o negro mestiço com índio, transforma-se em um animal selvagem. (FAWCETT, 1953, p. 266, tradução nossa)

Temos aqui mais um aspecto contraditório das teorias que se propuseram a explicar a origem das diferenças entre os seres humanos – e a origem da própria humanidade –, que consiste no fato dessas teorias afirmarem, ao mesmo tempo, que a miscigenação era indesejável e que a introdução do elemento branco na população resolveria essa questão, uma vez que, aos poucos, ele prevaleceria sobre as demais raças. É nesse sentido que o crítico literário Silvio Romero (1851-1914) escreve que

A minha these, pois, é que a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir, ao branco; mas que este, para essa mesma vitória, além das agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de útil as outras duas raças lhe podem fornecer, máxime a preta, com quem tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e bello como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dous factos contribuirão largamente para esse resultado: de um lado, a extinção do tráfico africano e o constante declínio dos índios, e de outro a emigração europeia. (1880, p. 53)



Diz Romero ainda que

Applicando as leis de Darwin à 14iretament e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de vir a triumphar na lueta pela vida, neste paiz, é a raça branca. A família selvagem e a negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela escravidão, pouco, bem pouco, conseguirão 14iretamente para si. (1880, p. 48)

Ao relacionarem diretamente a miscigenação aos problemas sociais e às questões de saúde pública da população (os mestiços seriam o motivo do atraso no desenvolvimento de países muito miscigenados, como o Brasil), os degeneracionistas abriram caminho para o movimento eugênico, ou seja, para os projetos de tentativa de aprimoramento da raça. O antropólogo, meteorologista, matemático e estatístico inglês Francis Galton (1822-1911), primo de Charles Darwin, cunhou em 1883 o conceito de “eugenia” para caracterizar o esforço de seleção artificial, cujo propósito seria aperfeiçoar a seleção natural de Darwin visando a melhoria da raça. Galton defendia o uso de métodos na época considerados científicos para colocar em prática a seleção artificial, como a antropometria, por exemplo, o que evidencia a influência da ciência na consolidação do racismo.

Sobre a importância da discussão relativa à miscigenação entre 1870 e 1930, Schwarcz pontua que

Observado com cuidado pelos viajantes estrangeiros, analisado com ceticismo por cientistas americanos e europeus interessados na questão racial, temido por boa parte das elites pensantes locais, o cruzamento de raças era entendido, com efeito, como uma questão central para a compreensão dos destinos dessa nação. (1993, p. 18)

Dentro desse contexto teórico-científico, influenciado por Blavatsky e, claro, devido ao seu etnocentrismo – a partir de tudo o que ele pensa, daquilo que ele acredita e de quem ele é –, P. H. Fawcett aposta na existência de índios brancos, uma vez que os supostos habitantes de Z, ocupando a posição mais alta da escala evolutiva das raças-



raízes, só podem ter a pele clara, característica condizente com o seu estágio de desenvolvimento sociocultural. Segundo P. H. Fawcett “Há gente que diz que não existem esses índios brancos e quando fica provado que existem, dizem então que são mestiços de espanhóis e índios. É o que dizem aqueles que nunca os viram. Aqueles que os viram já pensam bem diferente.” (FAWCETT, 1953, p. 83, tradução nossa)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAVATSKY, Helena. **A Doutrina Secreta**. São Paulo: Pensamento, 2012.
- BLUM, Deborah. **Ghost hunters**. William James and the search for scientific proof of life after death. Penguin Books, 2006.
- BÜCHMANN, Georg. **Geflügelte Worte**: Der Citatenschatz des deutschen Volkes. Berlin: Haude und Spener (F. Weidling), 1898.
- CARTUM, Leda; NESTROVSKI, Sofia. **As vinte mil léguas de Charles Darwin**: o caminho até “A origem das espécies”. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **O Homem Americano e seus Temas**, ed. Facsimilar, Coleção Mossoroense, Série C, vol. 746, 1992.
- CASTRO, Celso. **Textos básicos de Antropologia**. Cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. São Paulo: Zahar, 2016.
- COLONEL FAWCETT’S Expedition in Matto Grosso. **Geographical Journal**, v. 71, n. 2, pp. 176-185, feb. 1928.
- DOYLE, Arthur Conan. **O mundo perdido**: relato das maravilhosas aventuras recentes do professor George E. Challenger, lorde John Roxton, professor Summerlee e do sr. E. D. Malone da Daily Gazette. São Paulo: Todavia, 2018.
- FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953.



GOBINEAU, Arthur de. **The inequality of human races**. London: William Heinemann, 1915.

GOULD, Stephen Jay. **Darwin e os Grandes Enigmas da Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRANN, David. **Z, a cidade perdida**: a obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HERODOTUS. **Histories**. Translated by A. D. Godley. London: William Heinemann Ltd., 1921, v. 3.

HOBBSAWM, Eric. **A Era Dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KENNY, Kevin (Ed.) **Ireland and the British Empire**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KIPLING, Rudyard. **Rudyard Kipling's Verse**. New York: Doubleday, 1940.

MACHADO, Maria Helena P. T. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo "degeneracionista". **Revista USP**, São Paulo, n. 75, pp. 68-75, set./nov. 2007.

_____. **Raça, ciência e viagem no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**; tradução do grego, introdução, notas e índices: Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

ROMERO, Silvio. **A litteratura brasileira e a crítica moderna**. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1880.

SAID, Edward. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



SILVA, Ricardo José Barbosa da. **História Invisível: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-socialismo**. 2009. 243 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Atlântida: pequena história de um mito platônico**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.